

## APRESENTAÇÃO

Pode uma pergunta ser mentirosa? Em tempos de pós-verdade oficial, quando declarações públicas valem tanto quanto nossas dúvidas mais íntimas, a revista *A Palo Seco* abre assim a série de bons artigos e traduções que orgulhosamente compõe a sua 14ª. edição. Em “A pergunta enquanto mentira: *Petersburgo* (1913) de Andrei Biéli e a filosofia da linguagem”, David Molina, a partir de uma passagem do romance de Biéli, explora os limites entre a filosofia da linguagem e a ficção, ao examinar a possibilidade de uma pergunta – um ato de fala performativo, no dizer de Austin –, ter valor de verdade. É o que sugere o autor russo, ao utilizar o verbo *solgat* (mentir) para qualificar uma pergunta do personagem Nikolai Apollónovitch. Além do quebra-cabeças lógico-veritativo (que vale por si a leitura), Molina nos oferece um quadro bem desenhado da literatura russa e mundial dos séculos XIX e XX, e o lugar da obra de Boris Nikoláievitch Bugáiev – ou Andrei Biéli – nesse quadro.

Movendo-nos da mentira para o erro (e para o pecado), o segundo artigo é “Guimarães Rosa, um leitor de Plotino”, de Clarissa Marchelli. A autora analisa a presença do vocábulo “erro” nos três volumes que compõem *Corpo de Baile*. Marchelli examina a narrativa de Guimarães Rosa nessa obra, à luz não só da ascese de Plotino, mas dos sete pecados (ou erros, no vocabulário de Rosa) de Dante e do erro trágico de Aristóteles, atribuindo à poética rosiana, via Jung, a mesma “matéria de que são feitos os sonhos”.

Descendo do erro à fantasia, em “Ritmos e pensamentos em *Fantasia para dois coronéis e uma piscina* de Mário de Carvalho”, Rosana Baptista analisa dois elementos essenciais na composição do texto literário – os pensamentos e os ritmos - no romance *Fantasia para dois coronéis e uma piscina*, do escritor português Mário de Carvalho. Partindo do conceito de intertextualidade, a autora demonstra como Mário de Carvalho, em sua fantasia literária, recupera temas clássicos, como da *Poética*, de Aristóteles, e da *Utopia*, de More, associando-os de forma paródica e irônica a questões próprias da sociedade contemporânea. Do vale fantástico, subimos “*A montanha mágica* – apontamentos sobre o pensamento nietzschiano no romance de Thomas Mann”, em que Damião Farias apresenta uma análise interpretativa do romance de Mann, considerando, entre outros estudiosos, o filósofo Friedrich Nietzsche. O autor se propõe também a observar as relações do romance com um ensaio de Thomas Mann, de 1929, acerca da contribuição de Freud para o “espírito moderno”. Nesse texto de Mann, as proposições freudianas frente aos ideais fascistas têm como pano de fundo a filosofia nietzschiana que,

para Farias, congrega em sua formação a confluência de tradições iluministas e românticas próprias da cultura intelectual, filosófica e artística alemãs.

Ainda na seara nietzschiana, chegamos ao drama em “O Nascimento da Comédia: A crítica de Nietzsche ao teatro de Eurípides”. No artigo, Cléberton Barboza apresenta os pressupostos do filósofo alemão sobre o papel da música no efeito trágico das tragédias gregas. Para Nietzsche, o apagamento do papel das musas da música no teatro de Eurípides levaria aos poucos à morte da tragédia e ao fortalecimento da comédia, em um jogo que põe fim ao pessimismo trágico e eleva o otimismo da razão. Já em “O desejo em cena na vida escrita de Samuel Beckett”, Caio Reis investiga a obra e vida do dramaturgo, buscando observar o processo de criação de Beckett e como a sua escrita está ligada às suas experiências de vida. A partir de entrevistas realizadas por Charles Juliet e da observação de fatos históricos determinantes na vida de Beckett (como a segunda guerra mundial), Reis examina as influências sobre sua concepção de mundo e o entendimento da condição humana, expressos em suas falas, personagens e obras.

Fechando a sessão de artigos, sentimos que “Há algo de podre na vingança: Hamlet segundo a filosofia de René Girard”. No artigo, Marco Antônio S. Monteiro se debruça sobre a sugestão do filósofo francês de que há na peça uma ênfase na repulsa pela ética da vingança. O artigo apresenta uma abordagem que privilegia a teoria mimética e o sacrifício do bode expiatório propostos por Girard na leitura da obra shakespeariana. A análise se enriquece pela observação do protagonista, que procura evitar assumir uma ética da vingança imediata ou que apresenta certa procrastinação ao assumir diretamente a vingança sob o pretexto de se preparar o melhor momento.

Na sessão de traduções, Ana Paula Silva Santos apresenta três fábulas do ciclo mítico de Ceres, compostas pelo Primeiro Mitógrafo do Vaticano durante a Idade Média. Nesse período, foram produzidas muitas coleções que resgatavam os mitos clássicos por meio de uma leitura guiada pela filosofia moral cristã. Conhecida entre os gregos como Deméter, deusa da fertilidade, Ceres é mãe de Prosérpina que foi raptada por Plutão. Na narrativa apresentada pelo mitógrafo, nota-se a preocupação em além de narrar, interpretar alegoricamente o mito, de modo que a história narrada parece relacionar o rapto de Prosérpina com o surgimento das luas crescente e minguante.

Encerramos este número com a oportuna tradução de “O caminho da nova mulher”, em que Raíssa Costa apresenta o leitor de português à prosa libertária de Noe Itō, feminista e anarquista japonesa, ela mesma tradutora e divulgadora dos escritos de Emma Goldman no Japão das eras Meiji e Taishō. O texto, publicado originalmente na revista *Seitō*, em 1913, fala das dificuldades que aguardam quem se dispõe a seguir – e a ser guia – por caminhos estranhos à norma social vigente. O caminho da tradutora (ou do tradutor) está repleto de armadilhas, mais ainda quando à distância linguística se soma a cultural, no tempo e no espaço. Costa soube percorrer essa trilha com *chie*.

Mentira, erro, pecado, fantasia, drama, vingança e traição (ou tradução). É o que a revista *A Palo Seco* oferece a suas leitoras e leitores, colaboradoras e colaboradores, ao menos até a edição, ou as eleições, de 2022.

Os editores  
Beto Vianna  
Luciene Lages Silva